



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO CONTEXTO DE SALA DE AULA:

COMO SE FAZ?

LARYSSA MACIEL SOUSA

Brasília – DF

2015

Laryssa Maciel Sousa

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO CONTEXTO DE SALA DE AULA:

COMO SE FAZ?

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF

2015

Trabalho final de curso de autoria de Laryssa Maciel Sousa, intitulado “*A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO CONTEXTO DE SALA DE AULA: COMO SE FAZ?*”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 09/12/2015 à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Mestre Andréia Pereira de Araújo Martinez (Examinadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Professora Mestre Nirce Barbosa Castro Ferreira (Examinadora)

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

Com imensa gratidão e amor, dedico este trabalho a Deus, familiares e amigos que tanto contribuíram para a minha formação. Pelo apoio e paciência que tiveram comigo em todos os momentos, durante esses cinco anos de muito estudo e luta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata a Deus pelo dom da vida, por sempre estar ao meu lado, por me amparar e olhar por mim com um amor infinito, tudo o que tenho e sou devo a Ti.

Agradeço aos meus pais Rocy e Washington por permitirem que eu vivesse para compartilhar esse momento de alegria, mas em especial a minha mãe Rocy, que tanto se empenhou em sua vida para me ver feliz.

Aos meus irmãos Danielly, Rebecca, Hayla e Fellipe, aos meus cunhados Artur e Renato e ao meu sobrinho Deives por aguentarem por vezes meus momentos de estresse, de raiva e mesmo assim terem paciência comigo.

Ao meu grande amigo e namorado Michael Caeiro, que desde o início acreditou que eu era capaz, que soube o que dizer para me acalmar em meio às tempestades, e que por tantas vezes me ajudou e apoiou quando ninguém parecia fazer o mesmo.

Obrigada as minhas amigas Andressa Brito, Andrea Marangoni e Nayara Gomes pelo companheirismo e amizade durante o curso, seja para emprestar um livro ou até mesmo para me dar carona, ou quem sabe as conversas sobre o curso e a vida. Mas é claro que não poderia deixar de agradecer em especial à Nayara, sinceramente não há palavras para agradecer tanta bondade, tanta ajuda de sua parte. Agradeço por estarmos desde o início juntas, nossa sintonia e amizade durante esses cinco anos foram de suma importância para mim, muito obrigada!

Agradeço a minha amiga Beatriz que abdicou um pouco do seu tempo para se dedicar a mim e a estrutura da minha monografia, sua ajuda foi valiosa.

A minha Equipe de Jovens de Nossa Senhora Santíssimo Sacramento, por caminharem junto comigo, por me darem forças quando necessário e por respeitarem a lentidão do meu caminhar.

A professora Dr. Sônia Marise Salles de Carvalho, pessoa há quem muito estimo, que me acolheu em seu projeto quando muitos me disseram não, o me muito obrigada.

Obrigada Professores, Mestres, Doutores que passaram em minha vida, pela cooperação e compreensão e pelo aprendizado compartilhado.

SOUSA, Laryssa Maciel. A relação professor aluno no contexto de sala de aula: Como se faz? , Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a relação professor e aluno no contexto de sala de aula, bem como os benefícios que essa relação pode trazer para a aprendizagem significativa do aluno. Para isso, foi feito um referencial teórico enfatizando essa importância e de que maneira acontece no contexto de sala de aula. Através de uma observação participante, a qual valoriza o conhecimento baseado na experiência, foi possível evidenciar, diante da minha vivência em uma escola particular do Distrito Federal, como essa relação acontece no cotidiano. A partir disso, buscou-se planejar mudanças para a atuação do professor dentro da escola, com o intuito de valorizar suas funções, atendendo as necessidades dos maiores interessados no processo educativo, os alunos. Conclui-se, que o professor precisa estar atento às necessidades do aluno, e que essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser ministrado.

Palavras-chaves: relacionamento professor - aluno; aprendizagem; processo educativo.

SOUSA, Laryssa Maciel. A relação professor aluno no contexto de sala de aula: Como se faz? , Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015.

ABSTRACT

This study had as objective to investigate the relationship between the teacher and the student at the context of the classroom as well the benefits that this relationship can bring to the meaningful learning of the student. For that, it was done a theoretical emphasizing this importance and that way happens in the context of the classroom. Through a participant observation, which valorises the knowledge based on the experience, it was possible to demonstrate, before my experience in a private school of the Federal District, as this relationship happens in daily life. Since that, we attempted to plan for changes to the teachers performance in the school, with the aim at enhance their functions, taking into account the needs of the major stakeholders in the educational process, the students. It is concluded that the teacher needs to be attentive to the needs of the student, and this relationship must be based on trust, affectivity and respect the professor is liable to guide the student to its internal growth, not leaving their attention directed only to the content to be taught.

Keywords: Teacher - student relationship; Learning; Educational Process.

“Esperar significa crer na aventura do amor, ter confiança nas pessoas, dar o salto no incerto e abandonar-se a Deus totalmente.” Santo Agostinho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO	11
PARTE II - CAPÍTULO 1 – Relação professor aluno no contexto de sala de aula ...	18
CAPÍTULO 2 – RELATO DE EXPERIÊNCIA: ENTRE O MÉTODO E A PRÁTICA ..	27
2.1 – Práticas Professora 1	29
2.2 – Práticas Professora 2	33
2.3 – Práticas Professora 3	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é um pré-requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sob a orientação da Prof^a Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho têm como objetivo investigar a relação professor aluno no contexto de sala de aula, e suas contribuições.

O trabalho se divide em três partes. A primeira parte é o memorial acadêmico, onde relato minha vida acadêmica desde o início até a conclusão desta importante etapa, mostrando em que momento da minha trajetória interessei-me em investigar a relação professor e aluno, e o quanto isso fez diferença na minha aprendizagem.

A segunda parte trata-se do aporte teórico e o meu relato de experiência, no qual abordo os principais autores acerca do tema, demonstrando como a relação professor e aluno precisa ser entendida e vivida dentro de sala de aula.

Na terceira parte apresento minhas perspectivas pessoais e profissionais como Pedagoga, tais como, na área de trabalho e no meu interesse na formação continuada.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Minha trajetória de vida, escolar e universitária sempre esteve ligada, de alguma forma, com a relação que obtive com os outros a minha volta, e talvez por isso, hoje escrevo sobre a relação professor aluno no contexto de sala de aula como tema de monografia.

Não lembro ao certo com quantos anos fui alfabetizada e nem quando comecei a ler, mas me recordo perfeitamente dos momentos que me marcaram nas duas escolas que estudei.

A primeira foi a Escola Classe 03, localizada no Guará I onde permaneci do Jardim 3 até a 4° série. Nessa escola sempre me senti a vontade, feliz e principalmente, pela minha primeira professora da qual sou grata até hoje, Susiane. Um amor de pessoa, todos os pais a amavam e os alunos então, erámos loucos por ela.

Uma educadora amável, que escutava seus alunos e que tinha uma paixão enorme ao ensinar. Queria e achava que ela sempre seria minha professora, até que veio a 2° série, colocaram-me em outra turma, a da tia Nice e eu acostumada com a rotina da tia Susiane, não me adaptei, pois era uma aula fria, onde a professora apenas queria nos ensinar os conteúdos, onde o carinho e respeito eram deixados de lado. Fiquei o ano de 1999 todo nessa sala, mas quando chegou o final do ano por insistência minha, fiz minha mãe ir à escola e pedir para me trocarem de turma. Mal minha mãe pediu, e eles já me mudaram de sala e eu voltei, no ano seguinte, a antiga sala com meus amigos e professora que tanto gostava.

Foram cinco anos de muito aprendizado, de muito amor, de muitas alegrias e não me recordo de coisas muito ruins as quais me remetem a escola, muito pelo contrario, ali sempre me senti em casa, afinal, foram quatro anos estudando com as mesmas pessoas em sua maioria e com a professora a qual eu tinha tanto apego. Ela me passou muita confiança durante todo o tempo que me deu aula, gostava tanto dela que hoje na minha prática dentro de sala de aula, tento ser para os meus alunos, o que ela foi para mim, um exemplo de amorosidade, de confiança e respeito.

Sempre gostei muito de estudar, e sempre me destaquei por isso, era eleita a melhor aluna da turma, ganhava certificado, mas nunca gostei de aparecer demais, gostava de ficar na minha e fazer as tarefas no meu canto.

Quantos passeios, quantos ensaios de festa junina, dia das mães, dia dos pais e tudo feito com muito amor e dedicação. Hoje, ainda tenho muito orgulho de ter estudado em uma escola que forma cidadãos, que sabem valorizar o que há de melhor no outro e muito disso devo a essa escola, a qual tenho um carinho enorme.

Bateu um forte medo de ter que mudar de escola quando chegou o ano de 2002, já que iria para a quinta série, e lá somente ia até a 4ª série, porque não sabia como ia me sentir em outro ambiente, com outras pessoas.

Conversei com a minha mãe, pois ela queria me colocar em uma escola onde não falavam muito bem na época, e eu resistente, não queria ir de jeito nenhum. Eu queria ir para o Centro Educacional 02, bem perto da escola onde tinha estudado e minha mãe queria que eu fosse para o Centro Educacional 04, que era perto da onde morávamos, não dava nem 4 minutos andando.

Tentei, tentei, mas não teve jeito, acabei indo para a escola que minha mãe queria, mas fiquei um pouco mais tranquila porque amigos meus também iam para a mesma escola.

Chegando lá, quinta série, estudando à tarde, o que já não me agradava, me deparei com um mundo desconhecido, onde eu tinha muitas disciplinas separadas, vários professores e não estava acostumada com isso. Mas como a vida ensina, era bom que eu me acostumasse rapidinho com a rotina ou senão era capaz de não me dar bem naquela escola.

Esse ano foi o da adaptação, onde me situei, fui conhecendo as pessoas, servidores, direção e ao final do ano já estava até que familiarizada com a escola, só não estava acostumada com as intrigas e picuinhas que todos os dias me rodeavam e isso até então, não fazia parte da minha vida. Nesse ano me deparei com a maldade de fato de uns para com os outros, e percebi que o mundo não era somente coisas boas como eu pensava ser.

Desde pequena e até hoje, me perguntam como eu consigo ser tão ingênua com as pessoas e eu digo que a questão não é ingenuidade, é acreditar no melhor de cada um, independente das fraquezas. E esse pensamento me faz tentar ser uma pessoa de bem com a vida e com as pessoas também, eu não gosto de ser

enganada, afinal ninguém gosta, a diferença é que sempre acredito que pode haver mudanças nos comportamentos das pessoas e que merecemos mais chances, do que normalmente as pessoas costumam dar.

E esse ano da quinta série foi assim, tive amizades desfeitas, mas não por falta de chances e sim, por perceber que as pessoas não eram tão amigas como diziam ser.

Tive professores maravilhosos no meu ensino fundamental, tais como o Ildeu de Matemática, onde as aulas eram marcadas pelo exercício em grupo, onde usávamos jogos educativos para aprender o conteúdo e isso facilitava demais o aprendizado, porque conseguíamos ver a utilidade do que aprendíamos para a nossa vida. Nessa época até ousei gostar de matemática, mas foi só o professor mudar, que tinha pavor, tanto da aula quanto da disciplina em si.

É impressionante como a nossa relação com o professor pode mudar o modo como enxergamos a disciplina, quando o Ildeu ensinava matemática a maioria da turma sempre estava presente e era participativa, e foi somente ele ser transferido para outra escola que tudo desandou.

O professor que entrou não era simpático, passava muitas listas de exercícios, teste surpresa e ainda, se não ia com a cara do aluno, o marcava mesmo, fazendo-o passar vergonha na frente da turma toda. Parecia que ele queria que nós aprendêssemos pela dor, e na verdade nem aprendendo estávamos, as notas estavam despencando e os alunos começaram a ficar com medo da matemática, pensando que realmente essa matéria era só para os fortes.

Minhas notas não caíram, porque me esforçava demais para que isso não acontecesse, mas a minha vontade de ir a aula estava diminuindo e eu e uns colegas, até tentamos conversar com o professor, mas de nada adiantou. Ou nos adaptávamos a didática dele, ou a matemática iria nos amedrontar sempre. O bom foi que contamos com a ajuda dos colegas nos deveres e em trabalhos, para não ficarmos para a recuperação, pois realmente estava difícil lidar com essa matéria.

Pude contar com a amizade de pessoas muito especiais, amigos que vieram comigo da outra escola e outros que fiz ao longo dos anos na nova. É muito bom ver que até hoje tenho contato com gente que estudou comigo, pois os laços quando são verdadeiros, não se rompem com o passar do tempo.

O ano de 2005 foi um ano muito legal, minha oitava série, minha turma ainda em sua maioria, era a mesma e com a entrada de novos alunos ajudou muito para que a gente se unisse ainda mais. No intervalo andávamos praticamente todos juntos, conversávamos, brincávamos e isso nos fazia muito bem. Não fizemos festa de formatura, já que no ano seguinte íamos estudar pela manhã, no tão sonhado 1º ano do ensino médio, mas fizemos uma blusa de formandos e ao final do ano, fizemos um churrasco na casa de um dos meninos e foi um momento muito prazeroso, onde conversamos, rimos, dançamos e nos divertimos a espera do ano que viria.

Em 2006, 1º ano do ensino médio, alguns professores mudaram, e nesse ano, tive o prazer de conhecer uma professora muito querida de Português, a Juliana. Ela gostava de conversar com os alunos, saber da nossa rotina, dos nossos medos e isso sempre nos ajudou muito, pois tínhamos confiança em falar com ela sem medo. Ela propôs um trabalho muito legal ao final do ano de fazermos um musical do Saltimbancos, a princípio ficamos com receio, vergonha, mas foi um trabalho muito enriquecedor, porque aprendemos a lidar com as diferenças de opiniões e também, a ter comprometimento e persistência.

Confesso que nos meus dois últimos anos de escola, 2007 e 2008, mesmo com notas boas, me desinteressei um pouco em aprender. Deixava de fazer muitas atividades, algo que não fazia antes, matei muitas aulas para ficar conversando na praça, e não me orgulho disso.

Quando estava no 2º ano, o professor de Sociologia, Klérithon propôs um trabalho a ser realizado pela escola inteira, o Simpósio Musical, onde cada turma seria responsável por fazer um teatro com música retratando o tema do Simpósio. Foi um trabalho muito cansativo, demoramos meses para realizá-lo, mas quando o fizemos, foi maravilhoso, apresentamos as peças na Escola Parque da 308 Sul e foi feito um dvd com todas as apresentações.

Um trabalho onde a interdisciplinaridade esteve presente e assim, pudemos desenvolver o gosto pelas artes. Foi muito interessante, e o melhor foi ver o quanto que a atitude de um professor, conseguiu mobilizar a escola inteira e assim, nós alunos mostramos que éramos capazes de realizar grandes coisas.

No 3º ano, o ano da despedida dos amigos, da escola, dos professores, e saí do Centro Educacional 04 agradecida por todas as vivências, aprendizados para a

vida e pessoas maravilhosas que conheci. Foi um ano também de incerteza do futuro, já que a escola tinha terminado e agora era a vez da entrada na Universidade.

Sempre quis estudar na UnB, ainda mais pelo fato da minha família não ter condições de pagar uma mensalidade cara de faculdade. Ia estudar por conta própria em casa para prestar vestibular, mas Deus enviou-me dois anjos, minhas tias Ciene e Marina, que pagaram um ano de cursinho para mim.

Empenhei-me, estudei e mesmo assim, prestei dois vestibulares e não consegui passar para o curso que queria até então, Serviço Social. Fiquei muito decepcionada comigo, mas não desisti do sonho de entrar na UnB. Sem a ajuda das minhas tias, minha mãe se apertou e resolveu me dar mais um semestre para estudar, só que mudei de cursinho, pela mensalidade ser muito mais barata.

Ia todo dia de manhã para a aula e ficava lá até às 20h na monitoria estudando. Conheci uma pessoa muito especial que me incentivou e me ajudou a estudar, o Aldo que aguentava minhas crises e insegurança, mas que sempre acreditou e me deu forças para continuar prosseguindo.

Prestei o vestibular agora para Pedagogia, minha segunda opção de curso, por achar que seria mais fácil passar, mas saiu o resultado da primeira chamada em 2011 e eu não passei, entretanto fiquei muito feliz, pois o Aldo passou.

E assim, já estava pensando em ir trabalhar em shopping, quando saiu o resultado da segunda chamada, e eu felizmente passei. Foi uma alegria enorme, sensação de sonho sendo realizado e não poderia ter ficado mais feliz.

Na primeira semana tivemos a recepção dos calouros, onde os veteranos fizeram dinâmicas, brincadeiras, organizaram um tour pela UnB para que não ficássemos tão perdidos, tudo para deixar os calouros mais confortáveis e foi muito bom.

Logo no primeiro semestre, fiz duas disciplinas as quais gostei muito e me fizeram entender melhor o que era a Faculdade de Educação e a Pedagogia, que foi a de Oficina Vivencial e o Projeto 1. Pude entender que o pedagogo tem várias atuações, e isso me motivou a encontrar no curso a área que queria seguir.

No segundo semestre comecei a estagiar em uma escola localizada na Asa Norte, foi uma experiência desastrosa, fiquei somente seis meses, entretanto pareceu que se arrastou por anos e anos. Fiquei com uma turma de maternal,

tinham quinze crianças na sala, uma professora, uma monitora e eu, a estagiária. De início gostei muito da turma, eram crianças adoráveis, só que por algum motivo a monitora não gostou de mim e fez questão de fazer dos meus dias terríveis. Ela inventava coisas para a professora, reclamava do meu serviço, falava mal de mim para quem quisesse ouvir e tanto me infernizou, que não aguentei e pedi desligamento. Fiquei impressionada em como em escolas, que são lugares onde formamos cidadãos, há tanta gente querendo te derrubar e ver o seu mal. Sai de lá aliviada, mas certa de que aquela era apenas uma primeira experiência.

Em 2013, através de uma amiga, consegui um emprego de carteira assinada em uma escola localizada no Guará II, como auxiliar de classe. Até o meio do ano, tudo fluiu com naturalidade, estava trabalhando com uma turma de Jardim I, entretanto, penso que a professora não deve ter gostado de algo que eu fiz também, e ao invés de conversar comigo, resolveu ir direto a coordenação reclamar do meu serviço.

Eu, ainda não entendendo a situação, fui até a sala conversar com a coordenadora e ela me explicou que a professora regente vinha reclamando dos meus afazeres e alegando que eu não estava dando conta do serviço. Falei também o que queria dizer, e quando voltei para sala a professora simplesmente fingiu que nada tinha acontecido e assim, nossa relação foi de mal a pior.

Eu, sempre querendo agradar fazia tudo o que ela pedia, mesmo achando que fazia mais do que deveria fazer, e se ela não gostava, o que custava falar comigo? Mas não, só falava mal de mim pelas costas e assim o convívio dentro de sala foi ficando muito ruim. Para piorar a situação, em 2014 também fiquei com a mesma professora, com uma turma de Jardim II com 24 alunos, e a professora queria que eu me virasse em 20 para dar conta de fazer tudo o que ela me pedia.

Foi ficando cada vez mais insustentável nossa rotina, até que quase no final do ano fui parar na coordenação novamente, porque a professora havia reclamado mais uma vez do meu serviço, não fiquei calada e falei tudo o que vinha sofrendo e disse que se não acreditavam no meu trabalho que poderiam me mandar embora. Porque não era possível uma pessoa ser tão ruim assim, e todos os outros enxergarem o meu serviço menos ela. A coordenadora falou que era para eu ficar tranquila, que tudo iria se resolver da melhor forma possível.

Não me mandaram embora, mas no ano seguinte me deram a opção de trocar de professora e eu não pensei duas vezes, e troquei.

É muito ruim você trabalhar em um lugar onde muitas pessoas não te conhecem e já te julgam pelo pré-conceito que uma professora faz de você. Eu tenho consciência do meu serviço, onde preciso melhorar e onde sei que acerto, e é complicado lidar com pessoas que querem mostrar para a direção que fazem um bom serviço em detrimento do sofrimento de outros.

Foi difícil conciliar a graduação com o serviço, pois muitas disciplinas obrigatórias eram ofertadas no turno vespertino e assim eu deixei de fazê-las e atrasei o curso, pois precisava de dinheiro também para me manter.

Na UnB, outra disciplina também a qual tive o prazer de fazer foi a EJA – Educação de Jovens e Adultos com o querido Renato Hilário, quanto amor, quantas experiências, ele me mostrou da forma mais simples que existe a possibilidade sim de se ensinar com amor, respeitando a individualidade de cada um.

Durante o curso de Pedagogia cursei diversas matérias interessantes, além dessas mencionadas e ao me deparar com a disciplina de Educação Infantil, que não é obrigatória no curso, realmente me apaixonei pela área e decidi que era com os pequenos que queria trabalhar.

Sempre gostei de manter uma boa relação com os outros a minha volta, acreditando que por esse motivo me mantenho bem e feliz com os que tenho ao meu lado. Por esse motivo pensei em falar sobre a relação do professor com o aluno, pois sei o quanto uma boa relação faz diferença na nossa vida e também no que isso reflete quando se trata de sala de aula.

PARTE II – MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1 – A relação professor aluno no contexto de sala de aula

Na educação infantil, a relação professor/aluno no contexto de sala de aula, é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Essa acontece no conjunto das interações, e uma das formas dessa interação ocorrer é através da escuta sensível do professor e dos alunos.

O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno em uma fala com ele (FREIRE, 2011). Ou seja, o professor não precisa ser o sujeito que faz os comandos o tempo todo. É importante que na medida de sua fala, que o professor dê espaço também para que seu aluno se manifeste e através disso também, poder aprender com ele.

O professor deve ser um agente facilitador na relação ensino/aprendizagem juntamente ao aluno, em todo o contexto no qual ele se encontra, e estar sempre na busca da formação continuada perante as transformações que acontecem no mundo globalizado de hoje (BELOTTI; FARIA, 2010).

Há pouco tempo, porém, ainda presente em muitas instituições de ensino atuais, o ensino e a aprendizagem eram tidos como ações diferentes de mundos distanciados, sendo um dominante e o outro dominado; era algo que representava uma prática pedagógica tradicional autoritária. Tinha como centro o papel do professor que ensinava, sem possibilitar espaço para que os alunos pudessem demonstrar interesse, dúvidas e questionamentos (BELOTTI; FARIA, 2010).

Paulo Freire (2005), em sua obra *Pedagogia do Oprimido* retrata que o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.

Eis aí a concepção bancária de educação, onde o professor deposita seus conhecimentos nos alunos e estes, são capazes de guardá-los somente. Freire

propunha uma prática que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos e não aceitava o tradicionalismo da escola brasileira.

De acordo com a concepção bancária:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que tem a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente a liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 2005, pág. 68.).

Sinceramente, a relação do professor/aluno dentro de sala de aula deve ser assim? Tendo em vista esse conceito, seria fácil admitir que os alunos são pessoas sem “bagagens” em que os professores iriam depositar o conteúdo, onde suas falas e expressões seriam vetadas neste processo de aprender.

Na verdade, o aluno precisa ser um sujeito ativo nesse processo, ele precisa ter espaço para criar, transformar, errar, acertar, sem medo da reação do professor e dos demais colegas de sala.

O professor precisa se dar conta de que o aluno com todas as suas limitações e habilidades precisa ser o centro dessa aprendizagem, não o contrário. O aluno precisa desenvolver sua consciência crítica para se inserir no mundo, para poder transformá-lo como sujeito.

Precisamos caminhar para uma educação dialógica, problematizadora, onde o educador não é somente aquele que deposita os conhecimentos, mas que enquanto educa, é educado em diálogo com o educando. Ambos são sujeitos do processo e crescem junto, um ajudando o outro.

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção (FREIRE, 2011).

Um saber necessário à prática educativa é o respeito à autonomia do ser do educando. Como educadores, devemos estar atentos à fala do outro, e advertido sempre com relação a este respeito. Não estamos fazendo um favor, e sim nos colocando no lugar do educando e tratando-o da forma com que lhe é de direito.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2011).

O professor e o aluno sendo sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela também. Então a tarefa de ensinar exige não só o respeito à autonomia do educando, mas também, a diversidade e o uso do bom-senso para discernir palavras e ações no contexto de sala de aula.

Na escola o desempenho do educador não deve ser pensado como uma simples questão de formação teórica de uma pessoa que ensina, assim como a desenvoltura do educando não deve ser considerada apenas como uma questão de motivação e empenhos individuais. O educador é uma referência para os alunos, sendo importante o modo como se relaciona com eles.

Compreende-se que educar com alegria é um fator relevante no processo de aprendizagem dos alunos. Contudo, muitos educadores alegam sentirem dificuldades para interagir com o estudante. O que acontece é a falta de diálogo entre professor e aluno (BELOTTI; FARIA, 2010).

O diálogo é algo essencial em qualquer tipo de relação, no caso do ensino-aprendizagem é primordial que o professor direcione sua atenção para o aluno, de modo que o veja como um ser que já possui conhecimentos, de acordo com sua história de vida.

Conhecer o mundo individual do aluno dará ao professor elementos para o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, já que esse mundo pode influenciar em como esse aluno irá aprender os conteúdos.

A comunicação entre educador e educando torna-se essencial na intervenção dos conhecimentos, já que essa proposta não tem como base comandos e repetições mecânicas. O educador deve interagir na mediação dos conhecimentos, não se delimitando a uma troca de ideias, visto que as relações sociais acometem o processo de ensino-aprendizagem (BELOTTI; FARIA, 2010).

É importante destacar que não se deve pensar que o aluno, por ser o centro do processo, deva ser deixado livremente para fazer o que bem quiser, sendo o professor enquadrado na posição de mero observador e não de mediador da aprendizagem. (BELOTTI; FARIA, 2010).

As escolas precisam estar atentas e formar sua equipe pedagógica com profissionais que tenham verdadeiramente uma vocação e prazer em ensinar, e também dar-lhes incentivo para que possam trabalhar de maneira tranquila e com liberdade, a fim de que se obtenham bons resultados.

O professor precisa levar a sério sua formação, um professor que não estuda, que não se esforça para estar a altura de sua tarefa, como este terá moral para coordenar as atividades dentro de sua sala? Daí vem a importância dele continuar seus estudos e sempre manter-se atualizado, e buscar o conhecimento do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança

“Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública de educação” (FREIRE, 2011, pg. 93).

Freire (2011) propunha que não podemos ser professores se não percebemos cada vez melhor que, por não poder ser neutra, que nossa prática exige de nós uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de nós que escolha entre isto e aquilo. Não podemos ser professores a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê.

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da *inteligência* do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça (FREIRE, 2011, pg.116).

Nós como professores precisamos saber escutar os educandos em suas dúvidas, em seus receios, medos, e ao escutar também estamos aprendendo a falar com ele e entendê-lo como sujeito. Esse escutar significa estar disposto à fala do outro, ao gesto do outro e suas diferenças.

A relação professor/aluno é uma condição básica para que haja a mudança no processo de aprendizagem, já que é esta relação que dá um rumo ao processo educativo. Mesmo que esteja diretamente relacionada com as regras e normas da instituição de ensino, a relação do professor com o aluno constitui o centro do processo educativo. Essa relação precisa estar guiada na afetividade, segurança e respeito, sendo do professor o papel de orientar o aluno para o seu próprio crescimento.

Muitas situações podem interferir no processo de ensino-aprendizagem, mas compete ao educador construir um ambiente de confiança, afinidade e respeito entre ele e os alunos, a fim de que as aulas se tornem mais atraentes e interessantes.

O profissional que trabalha na educação infantil deve ser alguém sensível e que possua o dom natural de educar. As crianças menores possuem uma maior necessidade de atenção, e por isso o professor deve estar totalmente preparado para educar com carinho e comprometimento.

O professor deve ter consciência de sua importância na vida do aluno, já que, juntamente com a família, os professores são responsáveis por incentivar o crescimento e desenvolvimento integral dos alunos. Para trabalhar com crianças na educação infantil, o professor necessita ser sensível e estar preparado para se deparar com momentos que requeiram paciência e compreensão, possuindo habilidades para solucionar imprevistos que requerem flexibilidade e criatividade.

O professor tem que voltar a sua atenção ao vínculo que estabelece com seus alunos, já que isso é fundamental para a formação de um ambiente de respeito, confiança e segurança. Propiciar um ambiente de respeito e segurança é

considerar a expressão dos sentimentos dos estudantes, que ocorre através de suas distintas formas de representações (NUNES, 2009).

A integração da criança na escola de Educação Infantil representa uma das oportunidades dela expandir seus conhecimentos. Na escola, o trabalho envolve uma grande rede de interações sociais, que engloba uma variedade de relações e atitudes, modos alternativos de se comunicar com outras pessoas, além de valores culturais e morais que são repassados as crianças. Nessa etapa da vida, a criança vivencia aprendizagens que passam a fazer parte do seu mundo (NUNES, 2009).

Uma prática pedagógica que tem como base o relacionamento é formada por indivíduos independentes, que possuem habilidades e afinidades distintas. Toda prática pedagógica deve estar pautada em princípios de liberdade, autonomia, valores e outros. Através das relações com o professor e com os colegas, as crianças aprendem a se comunicar e ter experiências concretas (NUNES, 2009).

Na educação infantil o que faz sentido para o aluno está ligado ao relacionamento com seu educador. Uma relação afetiva, baseada no carinho e cuidado, constitui uma condição necessária para qualquer progresso em seu desenvolvimento.

Quando agimos relacionados com as crianças, nos colocamos no nível de segurança das crianças. E, ligado à segurança, está o toque, o olhar sensível, o afeto, as emoções, a segurança do vínculo, que nos faz sentir bem. E isso diz respeito à criança quando é capaz de assumir riscos e enfrentar desafios, construindo sua autonomia. Segundo Madalena Freire (2008, p. 62),

o medo faz parte do processo de aprendizagem, do agir, do fazer.
[...]

Enfrentar o medo de se expor, de assumir-se, rompendo nossa couraça autoritária, é o anúncio de uma nova relação numa concepção democrática de educação.

O relacionamento interpessoal dentro de sala de aula é marcado pela forma com que nos aproximamos de nossos alunos. Na medida em que os respeitamos, somos cada vez mais aceitos por eles. Nossa prática pedagógica precisa caminhar junto com os interesses e desejos das crianças. A relação de afeto deve ser mútua, para que possamos crescer juntos.

Educar sem afeto é esculpir uma face sem olhos nem ouvidos, sem paladar e se, as sensibilidades do tato, o que vale dizer: uma educação que não propicia a preparação da pessoa para o mundo (SCHETTINI, 2010, p. 15).

Sem o auxílio da afetividade, será difícil olhar com bons olhos os nossos educandos que não correspondem as nossas expectativas, aos conteúdos programados, as metas exigidas pela escola. O afeto exige que tenhamos um olhar voltado às necessidades emergidas em sala por parte dos educandos, pois cumprir com a nossa missão educativa exige também que nos esforcemos para amparar este educando por vezes carente de afeto.

A escola é um espaço propício para o desenrolar das emoções, é onde a criança se reconhece e reconhece o outro como constituinte do meio social, é onde o educador e o educando estabelecem relações, sejam elas prazerosas ou, muitas vezes, torturantes. “A escola é antes de tudo, um encontro entre humanos, o que abre caminhos para a interlocução” (SHETTINI, 2010, pg. 41).

Dentro do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor em sala de aula, ele deve promover a unidade entre teoria e a prática. Assim como a motivação, a relação teórico-prática ocorre, então, como um processo interno. Não é o professor que faz a relação para o aluno, mas o próprio aluno, como sujeito da ação educativa e pelo significado que essa ação tenha para ele que faz com isso aconteça. Esse trabalho pedagógico pode tanto facilitar ou dificultar as relações que se estabelecem no contexto de sala de aula.

Para todos que se dedicam a educação é fundamental conhecer e compreender quem são os sujeitos que aprendem, os seus saberes, o que valorizam e também o conhecimento prévio amplia campos onde poderão ocorrer, com maior facilidade, a conexão, aproximando os saberes do senso comum aos conhecimentos.

A aprendizagem tem uma dimensão subjetiva muito envolvida com a ação singular do sujeito que aprende e seu processo de desenvolvimento também está associado aos processos sociais da instituição escolar. O trabalho pedagógico tem a ver com a organização da sala de aula como espaço de diálogo, reflexão e construção (REY, 2008).

Recuperar o sujeito que aprende implica integrar a subjetividade como aspecto importante desse processo, pois o sujeito aprende como sistema e não só como intelecto. Os sentidos subjetivos constituem verdadeiros sistemas motivacionais que – diferente das teorias mais tradicionais da motivação – permitem-nos representar o envolvimento afetivo de um sujeito na atividade (REY, 2008, pg. 34).

Daí a importância de se considerar o sujeito na sua complexidade de organização subjetiva, pois os sentidos subjetivos fazem parte de si e eles que vão se desenvolvendo na aprendizagem são inseparáveis da complexidade da subjetividade do sujeito.

A conversação, o diálogo em sala de aula, estimula o envolvimento do aluno, define um processo de aprendizagem norteado pela reflexão. O aluno vai entrando em um caminho que o obrigará assumir posições, processo facilitador da emocionalidade na atividade do aprender. O caráter dialógico das práticas pedagógicas não se relaciona só com a exposição e o trabalho em sala de aula, mas com a própria avaliação do aluno (REY, 2008, pg. 38).

O aluno torna-se sujeito de sua aprendizagem quando é capaz de desenvolver um *roteiro* diferenciado em relação ao que aprende e a se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendizagem. Esse posicionamento só será possível na medida em que ele é capaz de gerar sentidos subjetivos em relação ao que aprende. O processo de tornar-se sujeito da aprendizagem vai envolver o professor como facilitador, não como “transmissor” do conhecimento.

A condição de sujeito no processo de aprender leva à organização própria e diferenciada do material aprendido, o que implica erros nesse percurso, os quais não podem ser desestimados. O medo do erro é um dos piores inimigos da educação atual: o aluno fica engessado para evitar cometer erros e termina sendo incapaz de produzir pensamentos, conclusões daquilo sobre o que aprende.

Quando o professor planeja suas aulas pensando em promover com sucesso a aprendizagem de seus alunos, procura sempre considerar a relação adequada entre objetivos de aprendizagem, conteúdos e suas estratégias pedagógicas.

Entretanto, essa visão nem sempre é suficiente para garantir o sucesso na aprendizagem, porque por vezes os alunos não são considerados neste processo, e

o professor se preocupa apenas em passar o conteúdo para estes, sem considerar suas singularidades, emoções, habilidades, conhecimentos prévios, entre outros.

A estratégia pedagógica não pode ser simplesmente um recurso externo, algo que movimenta o aluno em direção ao conhecimento. Em uma outra perspectiva, ela se orienta para a relação social que passa a ser uma condição para a aprendizagem, pois só ela dá possibilidade de conhecer o pensar do outro e interferir nele (TACCA, 2008).

A ideia é a de que a estratégia pedagógica esteja orientada para o sujeito que aprende e não para o conteúdo a ser aprendido. Assim sendo, fica diminuído o valor do conteúdo, pois, ao se operar mentalmente com ele, a dúvida ou o certo e errado passa a ser visto como inerente ao processo de constituição do pensamento de um sujeito que aprende (TACCA, 2008)

Estratégia pedagógica por assim dizer, seria o processo pelo qual os alunos e o professor entram em sintonia de pensamento e tendo isso em vista, compreendem as relações entre as coisas.

De acordo com Tacca (2008), “uma aprendizagem só se realiza quando se compreende que um conceito implica relacionar outros conceitos e que existem princípios que podem ser generalizados. Isso significa ganhar autonomia no processo de estabelecer relações e gerar conclusões”.

CAPÍTULO 2

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ENTRE O MÉTODO E A PRÁTICA

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2008).

Essa técnica de observação foi introduzida na pesquisa social pelos antropólogos no estudo das chamadas “sociedades primitivas”. A partir disso, passou a ser utilizada também pelos antropólogos nos estudos de comunidades e de culturas específicas.

A observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação. Na observação artificial, o observador depara-se geralmente com mais problemas que na observação natural.

Em primeiro lugar, precisa decidir se revelará o fato de ser um pesquisador ou se tentará a integração no grupo utilizando disfarce. Depois, precisa considerar, no caso de não revelar os objetivos da pesquisa, se as suas atividades disfarçadas podem prejudicar algum membro do grupo, e, nesta hipótese, se os resultados que vierem a ser obtidos são tão importantes para prejudicar para prejudicar sua aquisição com esses riscos.

A observação participante apresenta, em relação às outras modalidades de observação, algumas vantagens e desvantagens. As principais vantagens podem ser assim relacionadas, com base, principalmente, nas ponderações do antropólogo Florence Kluckhohn (1946, pg. 103-18):

a) Facilita o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos.

b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado.

c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados.

Meu relato de experiência é baseado em uma observação participante, que se deu no período de três anos, em uma escola particular do Distrito Federal.

Neste capítulo compreenderemos, diante das minhas vivências e observações a cerca da relação professor aluno, se esta relação tem sido levada em conta no processo educacional, ou se os professores estão preocupados somente em passar o conteúdo sem se importar com a relação que é estabelecida em sala de aula.

Se o professor é bom no que faz e realmente faz com amor aquilo que se propõe, ele consegue transformar os momentos em sala de aula em prazerosos e significativos tanto para ele quanto para os alunos.

Faz-se necessário saber ouvir, saber dialogar com os alunos, proporcionar momentos em que a turma possa falar e expor suas vivências, e o professor que entra em uma sala de educação infantil, precisa entender que o conhecimento perpassa também ao afeto, a segurança e ao respeito pelas diferenças.

Nesses três anos de experiência como auxiliar de classe, sempre me inquietei por várias situações que a escola nos impunha a seguir, mas de fato o que mais me afligia era o tratamento que os professores tinham com os alunos das turmas com que trabalhei, e de que como eles não percebiam que por uma palavra mal colocada, um “grito de medo” para chamar a atenção dentro de sala, o quanto isso influenciava na aprendizagem dos alunos.

Detenho-me aqui principalmente as práticas de duas professoras, onde tive por várias vezes vontade de sair da sala ou de falar muitas coisas perante as frases maldosas ou sem pensar que elas colocavam, pois machucavam meus alunos e elas não percebiam ou se percebiam, não demonstravam nenhum sentimento em relação a isso.

Estavam preocupadas em dar aula e o que os alunos sentiam, não importava e também a uma professora onde tive o prazer de trabalhar durante um ano e entender que a sala de aula deve ser um lugar onde devemos deixar os nossos alunos felizes e a vontade com o processo de aprender.

Quando fui contratada pela escola mal imaginava tudo o que iria passar dentro da instituição, confesso que já passei por muitas coisas difíceis, mas mesmo com as dificuldades, continuo apaixonada pela profissão e tento fazer o que está ao meu alcance para que os objetivos sejam alcançados.

Não são todos os professores que são comprometidos com o papel de educar, e são esses professores que não se importam muito com o que os alunos trazem consigo, se estão bem ou com a relação que se estabelece dentro de sala e se de fato, os alunos estão conseguindo aprender.

Recordo-me de várias colocações feitas pelas professoras que me motivaram em ser diferente delas, de não tomá-las como exemplo e seguir por outros caminhos.

2.1 - Práticas da professora 1

Certa vez, estávamos na sala esperando a aula de inglês começar, e eu na minha mesa pedindo para que os alunos se comportassem já que sabia como a professora era. Sua relação comigo é tranquila, nos damos bem, ela é engraçada e extrovertida, mas com os alunos a situação muda. Mal deu tempo de terminar de falar e a professora já chegou dizendo que não estava em um dia bom. Pensei comigo: hoje vai ser difícil. Dito e feito. Ela estava estressada, sem paciência (muito mais do que o normal) e logo foi introduzindo o assunto da aula.

Em seguida a apresentação do tema, em meio a gritos ela pediu para que os alunos fizessem um desenho da sua família, bem colorido, bonito e caprichado e sentou-se.

Os alunos todos sentados, concentrando-se em suas tarefas começaram a conversar sobre a atividade, conversas paralelas que são rotineiras e que não atrapalham em si a atividade, e ela de sua mesa exclama com voz forte: "*fiquem quietos, quem muito conversa, pouco faz.*". O silêncio fez-se na sala, e depois de uns dez minutos ou quinze, começaram de pouco em pouco, a mostrarem para ela como o desenho estava.

Quando dei por mim lá estava ela gritando com um aluno: *“Que desenho é esse? Sua família não iria gostar de um desenho assim. Vou rasgar e você, por favor, faça outro direito. Toma aqui a folha, com capricho dessa vez!”*.

Meu aluno saiu com a cabeça baixa, com lágrimas nos olhos e sentou-se a cadeira, e mais uma vez foi fazer o desenho de sua família. Assim que terminou, veio correndo em minha mesa e perguntou: *“Tia Laryssa, assim tá bonito?”*. E eu comovida com a situação, vendo seu esforço em agradar a professora, respondi: *“Sim, está maravilhoso! Você desenha muito bem, parabéns!”*. E realmente estava. Ele sorriu, e foi à mesa da professora de inglês para mostrar seu desenho, ela pegou, e somente colocou no restante das outras atividades sem dar nenhum retorno e dava para perceber que ele estava esperando ao menos uma palavra de que estava bom, mas não, ela permaneceu calada.

É triste ver professores formados, fazendo esse tipo de agressão aos alunos, ela não o tocou fisicamente, mas suas palavras o feriram e ela nem ao menos pediu desculpa, ou se lamentou pelo ocorrido. O que mostra que ela não está muito preocupada em dar afeto, atenção aos seus alunos. Ela não está em sala de aula para cuidar de ninguém, como ela mesma já relatou, e sim para dar o conteúdo programado sem maiores problemas, pois é o que a escola exige.

Entretanto, é necessário saber que o conteúdo precisa ser dado, mas que os alunos por serem seres diferentes, possuem dificuldades e o que para um é conteúdo fácil ou desenho fácil, para outro pode não ser, e o educador necessita estar aberto a ajudar esse aluno no que diz respeito ao conteúdo e também ser sensível a ele, entender que essa relação dentro de sala de aula necessita ser o mais prazerosa possível, tanto para o educador quanto para o educando.

Suas aulas sempre são marcadas pelo medo, e os alunos acabam sendo atingidos nesse processo de modo negativo. Ela não se deu conta nesse caso particular, que a criança passou para o papel não somente o desenho, mas suas emoções e sentimentos, e o que ela fez? Jogou isso tudo no lixo, sem pensar no progresso em que a criança teve de criar o seu desenho, e no tempo que se dedicou aquela tarefa que para ela estava sendo interessante, até o momento.

Ela poderia ter falado com mais calma, ter explicado que o desenho não estava bom, no caso, o que a meu ver não é correto, pois devemos valorizar o que a

criança faz e mesmo que para nós não esteja esteticamente bonito, para a criança é o desenho que ela fez e para ela estava bonito assim. Podemos pedir com educação para que caprichem na tarefa, mas jogar no lixo na frente da sala inteira, isso não tem explicação.

Para que o aluno desenvolva competências, sejam elas na área da leitura, da escrita ou de qualquer outro tipo, não basta o esforço dele para compreender o que deve fazer. O professor precisa ser um incentivador, alguém que aponta mais para os acertos do que os erros e, diante desses erros, não cria rótulos ou diminui a capacidade do aluno. Isso representa corrigir positivamente os trabalhos escolares dos estudantes, a forma de realizarem as suas atividades e apresentarem ao professor. Há professores que cobram a perfeição dos seus alunos, não se contentam com o empenho que estes colocaram em uma atividade (ANDRADE, 2014, pg. 61).

Muitas vezes o aluno fez tudo o que podia para fazer o exercício, se esforçou e o professor não reconhece. Isso pode desmotivar, ou até mesmo inibir o processo criativo do aluno.

Outra vez, ela ministrando sua aula resolveu fazer uma dinâmica onde as crianças, divididas em grupos deveriam procurar cartilhas espalhadas pela sala de acordo com o seu comando.

Até o momento tudo tranquilo, mas quando parecia que finalmente íamos ter uma aula agradável, ela se irrita com um aluno porque ele estava falando com os colegas ao procurar a cartilha, e sim estava em um tom de voz elevado, mas nada que um aviso não resolvesse, mas ela não conseguiu e mandou rapidamente o aluno sentar-se e não levantar mais, não fazer bagunça, pois assim atrapalhava o andamento da aula. *“É sempre você atrapalhando minha aula, não consegue ficar quieto não? Tenha dó, não preciso ficar gastando minha voz e paciência contigo, assim não dá.”*

A agressão ao sujeito pode se dar de inúmeras formas, não somente lhe tirando o que é de direito, mas, sobretudo, negando-lhe o que lhe é indispensável: respeito, afeto, carinho (SCHETTINI, 2010). Precisamos nos atentar para as necessidades emergidas em sala de aula, tomando o ato pedagógico adequado e de acordo com a singularidade de cada pessoa.

O professor que pensa que vai entrar em sala de aula, e não vai referir-se aos alunos, conversar com eles e somente dar o conteúdo, deveria repensar sua prática

docente, afinal, a sala de aula é um espaço em que possibilita interações entre o educador e educando, e entre educando e educando, e proporciona, além disso, situações e experiências que são essenciais para a construção da criança como pessoa.

Teve mais um caso de um aluno que toda terça-feira queria faltar na escola – relato da mãe – pois não queria participar da aula de inglês, disse que não gostava da matéria. A mãe veio conversar comigo, dizendo o que estava acontecendo e pediu para que eu tentasse fazer com que o filho dela dissesse alguma coisa, porque ela estava achando muito estranha essa atitude dele, já que ele adorava ir à escola e aprender.

Eu, já imaginando o que poderia ser, falei para ela que iria conversar com o filho e que qualquer novidade a comunicava. Conversei com a professora regente, e relatei o ocorrido, expliquei que iria sondá-lo para averiguar o que realmente estava acontecendo, ela concordou e eu permaneci observando.

Um pouco antes da aula de inglês começar, ele veio a minha mesa e disse que não estava se sentindo bem, conversei com ele e disse que qualquer coisa que sentisse, se tivesse alguma dor o incomodando que ele poderia me procurar, mas que por agora ele iria participar da aula de inglês, ele aceitou.

A cada frase mal colocada da professora, a cada chamada atenção, a cada grito, percebia que ele se assustava e ficava com medo da reação da professora. Quase não levantava da cadeira, fazia seu dever e quando tinha dúvidas me perguntava ao invés de perguntar para ela, percebi ali então que ele estava amedrontado com a professora e que tinha receio de referir-se a ela, e a mesma o tratar mal, como já havia feito.

Retornei a conversar com a professora regente e expliquei toda a situação, e perguntei para ela se deveria falar com a mãe o que estava acontecendo, ela disse que não e que ia tomar ela mesma juntamente com a orientadora da escola as decisões cabíveis.

A professora foi chamada para conversar, explicaram a situação, e ela se comprometeu a pedir desculpas e a tratar o aluno de uma forma melhor. A mãe foi avisada, mas de uma forma muito mais branda do que realmente foi e tudo aparentemente fluiu com mais naturalidade.

A professora conversou com o aluno, mas o que me deixou a pensar é que foi preciso ela ser chamada na orientação pedagógica da escola, para ela pedir desculpas ao aluno e rever suas atitudes.

O que nós como educadores, deveríamos fazer sempre, é rever como temos sido em sala de aula, se nossos alunos estão aprendendo, se estão bem, se deixamos com que eles expressem o que sentem para que a aula seja significativa e prazerosa, pois com certeza assim eles terão mais vontade de estar na escola, para aprenderem, brincarem e se divertirem.

2.2 – Práticas da professora 2.

A aula de música é de longe, a mais esperada e amada pelos alunos da educação infantil na escola, é o momento que eles podem soltar-se, cantar, aprender mais sobre a musicalidade e também a exporem-se sem medo de repreensões. Quem me dera se essa fosse à realidade de fato na escola onde trabalho.

Muito pelo contrario, a aula de música é marcada pela repetição, pelo somente cantar, sem conversar ou virar a cabeça para o lado, e a expressão onde fica? Fica guardada dentro dos corações de cada aluno que passa por essa aula.

A professora trabalha há muitos anos na escola, e estou há somente três anos lá e as aulas são praticamente a mesma coisa, muda uma música ou outra, mas o jeito de se lidar com as crianças é o mesmo.

Uma coisa é você como educador ter o respeito dos seus alunos, outra coisa bem diferente é você impor essa condição, e infelizmente é isso o que acontece nas aulas de música.

O momento da rodinha na educação infantil tem um papel importante, na medida em que é estabelecido o relacionamento entre educador/educando em sala de aula. A roda é um momento em que a criança pode ter vez e voz, para que suas ideias sejam escutadas ou que somente ela possa expressar-se através das músicas cantadas.

Não é porque é aula de música, que a aula deve ser menos interessante ou que o professor não precise estar preparado para isso. Essa professora somente pede para que os alunos sentem em roda, mas esse momento está longe de ser uma rodinha de fato.

Na escola, a professora de música nem plano de aula faz, e isso é facilitado porque ela trabalha lá há muito tempo e já é de idade, e também porque ela é muito amiga da diretora, o que não deveria ser um ponto a ser relevado neste quesito.

O que me preocupa, é que não dão o devido valor à disciplina e por isso, ela é ministrada de qualquer jeito, talvez por isso a aula seja tão entediante, monótona e a professora não se mostra interessada pelo aprendizado dos alunos, e sim se eles estão conseguindo decorar as músicas para cantar nas datas comemorativas. Isso quando tem aula de música, porque a professora mais está de atestado do que em sala de aula.

Praticamente antes de toda aula de música, levo os alunos para beberem água e irem ao banheiro, já que eles durante a aula são praticamente proibidos de saírem do lugar. A professora chega, senta todos no chão, meninos de um lado, e meninas do outro porque ela gosta que a sala fique organizada dessa maneira, e começa sua aula.

São cinquenta minutos de várias sequências de músicas, sem relação de uma com a outra, ela não usa da música para desenvolver algo com as crianças, ela simplesmente canta músicas por cantar, e ela ainda não deixa os alunos se manifestarem em momento nenhum. É música atrás de música, sem descanso. Canta uma vez, e na segunda pede para eles repetirem para assim aprenderem a música.

Certo dia, ela em sua rigidez pediu para um aluno parar de falar com o colega do lado, pois estava atrapalhando, ele por sua vez insistiu em falar com o colega. Ela em sua sabedoria pegou uma cadeira, colocou no canto da sala e pediu para que ele se sentasse lá e que de lá não saísse. *“Isso é para você aprender a me respeitar, estou falando e você não entende. Comigo não é brincadeira não, não sou tranquila e calma que nem a tia Laryssa não, aqui o sistema é outro.”*

Que sistema seria esse? Um sistema em que o aluno não pode sair do seu lugar, virar para o lado ou conversar com o colega que já é advertido, sistema que

os alunos são simplesmente meros reprodutores de músicas cantadas todas as sextas e que eles, em sua maioria, já estão cansados de ouvir e reproduzir? Devemos repensar essa prática!

A música é um instrumento de comunicação que pode facilitar a interação do professor com a turma, além de promover uma melhor socialização entre os alunos. Através da música o professor pode levantar questões para trabalhá-las com eles, estimulando a reflexão sobre sentimentos e experiências já vividas.

A música na sala de aula pode trazer uma certa agitação para os alunos, mas o professor não deve ter receio disso, pois a geração atual pede aulas mais movimentadas. São crianças acostumadas a lidar com vários tipos de tecnologia ao mesmo tempo. Não há mais aquela sala de aula em que os estudantes ficavam o tempo todo sentados. [...] A realidade é bem diferente, e o professor precisa acompanhá-la, saber trabalhar com ela, ou melhor, se adaptar a ela (ANDRADE, 2014, p. 33, 34).

Percebo que a professora de música tem medo justamente dessa agitação, dos alunos conversarem demais e ela perder o controle da turma. Ela não enxerga com bons olhos a conversa, a interação entre eles e entende que aquele momento vai virar bagunça. Ela poderia aproveitar esses momentos para estimular, por exemplo, a expressão pessoal de cada um, porque nem sempre a agitação significa indisciplina, pode também representar estímulo, alegria e produtividade (ANDRADE, 2014).

Aulas com alegria reforçam o aprendizado, podendo levantar a autoestima, despertar bons sentimentos e criar um ambiente de amizade e trocas de afetos. A professora poderia trabalhar de uma maneira mais afetuosa, lembrando de que para o aprendizado acontecer é necessário de que o professor esteja disposto a ajudar o aluno a promover essa aprendizagem, e que muitas coisas podem ser ensinadas através da música, bem como, valores, a linguagem, a expressão, etc.

Em uma dessas aulas em que os meninos deveriam reproduzir mais uma vez uma música para uma apresentação na escola, a professora pediu para que todos cantassem, mas eles em sua maioria, já estavam cansados, porém a professora mesmo assim queria ouvir a voz de todos.

Eles cantaram muito a contra gosto, e a professora que gosta de elogiar demais determinadas crianças começou com seus dizeres: *“Nossa mais essa*

menina canta bonito demais, que doçura e encanto. Todos deveriam ser assim, lindos e graciosos que nem ela, mas vocês não querem fazer bonito na apresentação. Ela sim vai se destacar.”.

Ou seja, os que não querem cantar não são graciosos, e não cantam tão bem quanto a outra aluna. Para que a criança goste de fazer algo, aquilo precisa ter significado na vida dela e a professora não repensa que podem ser as suas atitudes que levam a essa desmotivação dentro de sala de aula.

Eu consigo enxergar nitidamente que as crianças são um reflexo do professor naquele momento, então se a professora já vem desmotivada para a aula, não se importando com a forma que sua aula será ministrada, os alunos vão responder de acordo com o que estão vendo e sentindo.

A professora não estabelece uma relação de confiança, carinho e respeito a individualidade de cada aluno, simplesmente por alguns responderem de acordo com o que ela pede, ela acha que os outros alunos estão sem vontade ou com preguiça, mas não é bem assim.

Ela como professora poderia ver que precisamos tomar muito cuidado até com os elogios que damos aos nossos alunos, isso é ótimo, mas quando se elogia demais um em detrimento de outros, isso se torna algo complicado, pois os outros alunos sentem-se menos capazes e por vezes até inibidos para se expressarem, ou até acham-se inferiores a outros alunos, gerando assim uma comparação entre eles.

2.3. Prática Professora 3.

Essa professora tem dez anos de experiência em sala de aula, e fiquei muito feliz de ter a oportunidade de trabalhar um ano com ela, pois levarei comigo profunda admiração pela pessoa que é e pelo profissionalismo que ela tem. É uma pessoa que não nega ajuda a todos que pedem o seu auxílio, prepara suas aulas com carinho e atenção, principalmente aqueles alunos que apresentam dificuldades.

Infelizmente na escola há uma competição entre as próprias professoras que querem se exhibir não somente para os pais, mas para a direção já que precisam mostrar serviço, e ela não faz questão nenhuma de estar no meio dessa disputa de

ego, apenas faz o seu trabalho pensando no melhor para os alunos, e se a direção vê esse cuidado ou não, já não cabe a ela verificar.

Desde o início senti uma confiança em trabalhar com ela, respeito pelo que eu fazia como auxiliar e também em relação aos alunos. Sempre entendendo a individualidade de cada um, não só a minha como auxiliar, mas dos alunos também, como seres em construção. Aliás, todos nós ainda estamos em construção!

Em suas aulas, é imprescindível o momento da rodinha, onde os alunos sentam no chão, ficam o mais a vontade possível e assim ela pergunta a cada um como foi seu dia, se alguém tem alguma novidade a contar ou se querem ensinar uma música a turma. Ela faz desse momento prazeroso, onde as crianças são livres para se expressarem da forma com que acharem melhor. Ela é amada e querida por todos os alunos, eles a abraçam, dão presentes, cartinhas mostrando o quanto ela é especial.

Não sei se isto é algo recorrente nas escolas particulares, mas onde trabalhamos os professores “arrumam” os desenhos das crianças, para que quando os pais os tenham em mãos possam se orgulhar da criação de seus filhos, e na sala dessa professora o desenho não é trabalhado assim. A atividade realmente é espontânea, podendo o aluno fazer, pintar e contornar os desenhos a sua maneira, sem a interferência da professora.

Percebo que os alunos se sentem mais a vontade na sala, conversam, brincam, estudam e sabem da importância de cada um desses momentos. Recordo-me de um dia ela dar uma atividade pedindo para que eles desenhassem o que gostariam de ganhar no dia das crianças, e eles ficaram empolgados com a ideia.

Começaram a fazer e daqui a pouco, um vai a sua mesa e diz: *“Tia, não quero mais fazer o dever. Meu colega disse que a bola que eu quero ganhar é feia. E também não vou fazer igual a dele, porque assim não é a minha bola”*.

Ela sorriu e disse: *“Olha cada um faz o desenho da forma com que quiser, sua bola é do seu jeito e não se preocupe com o que o colega falou. Saiba que a sua bola é linda, e tenho certeza de que você vai ficar muito feliz com o seu desenho.”*.

Ela poderia ter deixado isso passar, mas aproveitou o momento, para trabalhar com a turma o respeito aos colegas, ao que falam e a entenderem que

somos diferentes uns dos outros, então a forma com que percebemos o mundo também é diferente, por isso cada um desenha a sua maneira e que não é por isso que um é o certo, e o outro errado e sim que os dois estão certos do seu modo.

Os planejamentos das turmas são divididos entre as professoras, cada uma faz uma semana, e “o certo” para a escola, seria seguir com rigidez o conteúdo programado para a aula, mas o que gosto de ver nessa professora é que ela não tem medo de deixar de fazer certas atividades com medo do que a direção ou a outra professora vão falar. Primeiramente ela pensa nos seus alunos e se ela tem consciência de que a atividade é muito complexa ou que até mesmo que não terá muito sentido para os meninos ao fazê-la, ela retira e faz outra atividade.

Percebo em sua prática o amor, o zelo com tudo que faz e isso me fez pensar que se todos nós como educadores fossemos assim, as salas de aula poderiam ser lugares muito mais aconchegantes, onde o aluno faria suas colocações sem retaliações, e o papel do professor seria o de mediador do conhecimento.

Quero também aqui ressaltar que a questão não é que uma professora seja melhor em detrimento das outras, todos nós possuímos defeitos, dias em que não estamos nos sentindo muito bem, mas eu como pedagoga quase formada acredito em uma aula mais aberta, onde os alunos são livres para se expressarem e que os professores precisam saber respeitar as diferenças, e colocarem em seu dia a dia a prática do amor, do cuidado, do bem querer para os seus alunos.

A seguir, diante das minhas observações e vivências, apresento propostas de melhorias a partir da minha visão como Pedagoga, do que pode ser feito pelo professor dentro de sala de aula para que a relação entre ele e o aluno seja significativa.

Primeiro o professor deveria reavaliar sua prática pedagógica, no sentido de ver se o aluno tem sido considerado nesse processo de aprender ou se o professor está mais preocupado em dar o conteúdo para este aluno, sem considerar suas individualidades. Porque se o professor não considera o aluno nesse processo, ele não vai estar muito preocupado com o aprendizado, e sim se conseguiu dar o conteúdo programado.

Destaco também a importância do zelo, carinho, respeito e cuidado com o outro, esse outro que necessita de atenção, e o professor tem negligenciado esse

olhar sensível para as necessidades do aluno. Por vezes, o que eles necessitam é apenas uma palavra de carinho e conforto, e o professor por não querer taxado com bonzinho ou carinhoso demais, não está aberto a se relacionar com o aluno.

Com essas pequenas atitudes, o professor consegue melhorar a relação que estabelece com o aluno dentro de sala de aula, não é preciso mudar por inteiro, mas ir adaptando-se as realidades que são colocadas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado e das experiências que obtivi, pude constatar que os professores não levam os seus alunos em consideração no processo de aprendizagem, o que é interessante de se observar, pois os alunos deveriam ser o centro desse processo educativo.

Considerando as observações e experiências vividas na prática, nota-se que o professor está mais preocupado em dar o conteúdo programado que a escola exige, do que avaliar se o seu aluno realmente aprendeu e se aquele conteúdo realmente era significativo para ele.

Com base nas observações, nos autores pesquisados constata-se que existe uma teoria, de como essa relação entre professor e aluno precisa se dar dentro de sala de aula, em como o professor deveria se portar diante dos seus alunos, mas a teoria não consegue apoderar-se de toda a prática e por isso é necessário que o professor tenha claro em seu dia a dia, que ele deve ser um agente facilitador do conteúdo a ser ministrado, e que seus alunos podem ter sim vez e voz dentro da escola, e serem considerados nesse processo.

Ser professor é ter a oportunidade de encaminhar os alunos para um mundo cheio de possibilidades, e estar preparado também para se colocar no lugar do aluno muitas vezes, e entender que nem sempre o professor é o dono da verdade, e que pode aprender com os alunos e dar mais valor ao que eles falam, trazem consigo e ao que são como pessoas. É estar atento e ter um olhar sensível ao que acontece diante dos olhos e dentro de sala de aula.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Fechando este trabalho, com muita satisfação de dever cumprido. E deparo que não foi fácil chegar até aqui, foram muitas horas de estudos, mas com muito esforço concluo mais essa etapa, e vejo o quanto significou a oportunidade de aprofundar estudos sobre questões fundamentais sobre a educação.

Aprendi principalmente a lançar um olhar critico para minha própria prática, identificando os limites e as possibilidades de transformação que posso ter dentro da sala de aula.

A princípio ser Pedagoga não era um sonho para mim, e hoje após cinco anos de estudos, é claro que tive altos e baixos durante o curso, vejo o quanto pedagogia significa para mim, o quanto a educação me move como pessoa e o quanto sou feliz por escolher essa profissão.

Desejo prosseguir nessa área de Educação, passar no concurso da Secretaria de Educação, e enquanto mais esse sonho não se concretiza, pretendo continuar estudando, quem sabe fazendo uma especialização em Educação Infantil e, posteriormente um mestrado e um doutorado na mesma área.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fabiana. **A Pedagogia do Afeto na Sala de Aula**; Ilustrações Vanessa Alexandre. – 2ª Edição – Recife: Prazer de Ler. 2014.

BELLOTI, Sallua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves. **Relação Professor/Aluno**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Vol. 1, nº1, 2010.

FREIRE, Madalena. **Educador**. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição – São Paulo: Atlas, 2008.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta Sensível do Professor**: uma dimensão da qualidade da educação infantil. 2009. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

SCHETTINI, Luiz Filho. **Pedagogia da Ternura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa, organizadora. **Aprendizagem e Trabalho Pedagógico**, Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2008. 2ª Edição.